

CONSTRUÇÕES DE ESTRUTURA ARGUMENTAL COM O VERBO PASSAR

Francisca Damiana Formiga Pereira

Resumo: O funcionamento da língua em termos sintático-semântico-pragmáticos requer uma reflexão sobre as construções linguísticas, em se pensar como a gramática é compreendida, produzida e utilizada pelos falantes de uma determinada língua. Partindo disso, este trabalho pretende analisar as construções de estrutura argumental com o verbo *passar* presentes no corpus D&G, de modo a verificar as possíveis mudanças linguísticas e a real utilização dessas construções tanto na fala quanto na escrita dos natalenses. Os resultados apontam ampliação dos usos dos sentidos do verbo *passar* bem como desempenhando funções sintáticas e discursivas diferentes daquela que rege a Gramática Tradicional (GT), o que pode representar uma contribuição para a descrição do português brasileiro. Os diversos usos e sentidos dados pelos falantes de uma língua não podem ser vistos como desprovidos de gramática, mas como revestidos de uma gramaticalidade diferente.

Palavras-chave: Gramática. Construções. Verbo.

CONSTRUCTIONS OF ARGUMENTAL STRUCTURE WITH THE VERB PASS

Abstract: The functioning of language in syntactic-semantic-pragmatic terms requires a reflection on linguistic constructions, in thinking about how grammar is understood, produced and used by speakers of a particular language. From this, this work intends to analyze the constructions of argument structure with the verb pass present in the corpus D&G, in order to verify the possible linguistic changes and the real use of these constructions in both the speech and the writing of the *natalense* speakers. The results point to the broadening of the uses of the senses of the verb pass as well as performing syntactic and discursive functions different from the one that rules Traditional Grammar (GT), which may represent a contribution to the description of Brazilian Portuguese. The various uses and meanings given by the speakers of a language cannot be seen as devoid of grammar, but as parts of a different grammaticality.

Keywords: Grammar. Constructions. Verb.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Várias abordagens teóricas existem com o foco voltado para o estudo da língua. Cada uma desenvolvendo e priorizando, a seu modo, algum aspecto linguístico, traçando percursos teóricos e metodológicos que evidenciam a língua sob várias óticas: fonológica, morfológica, sintática, semântica, entre tantas outras. Essa imensidão de estudos sobre a língua só comprova cada vez mais a incansável luta por parte dos pesquisadores em abarcar ou dar conta das manifestações linguísticas.

Até porque o sentido é variado e essas múltiplas possibilidades de apreender o sentido das palavras só existem em virtude dos falantes serem motivados, essencialmente, por questões de ordem pragmática e discursiva. O falante está exposto a uma infinidade de contextos diferenciados. Assim, os usos e os sentidos das palavras variam e são o resultado da relação de convivência dos falantes com seu meio social.

Nessas relações comunicativas, o léxico e as relações sintáticas são de extrema importância. O léxico porque diz respeito à relação entre o significado das palavras e os objetos do mundo, já as relações sintáticas por representar um ponto essencial para compreender a semântica que compete a cada termo lexical dentro de uma sentença. Assim, observar a construção desses verbos na língua em funcionamento é perceber que esses termos não são estanques nem estão acabados, mas que são vivos, existindo na/pela língua.

Com base nessas reflexões, escolhemos, para nosso estudo, o verbo. Embora seja um aspecto bastante debatido por linguistas e estudiosos, mas não finito em suas possibilidades. Nesta pesquisa, portanto, pretendemos analisar as construções do *passar* na fala e na escrita da cidade de Natal, evidenciando o caráter multifuncional

e plurissignificativo do verbo *passar* nas situações concretas interativas.

GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

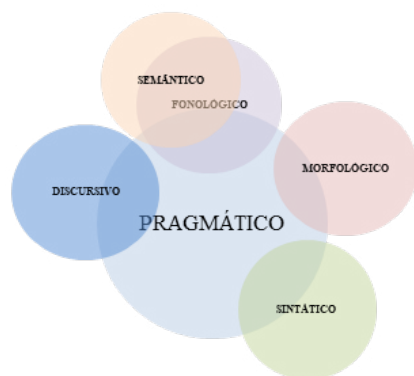
Segundo a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a gramática é construída (compreendida e produzida) pelos falantes de uma língua. Desse modo, a construção gramatical é um esquema que une (inter-relacionam) forma e função, constituindo-se como parte dos nossos conhecimentos sobre a língua, ou seja, as estruturas linguísticas são integradas aos processos cognitivos. De acordo com Furtado da Cunha (2011, p. 2897), as construções linguísticas “[...] são essencialmente esquemas cognitivos do mesmo tipo que existem em outros domínios da cognição, em outras habilidades cognitivas, ou seja, procedimentos relativamente automatizados para fazer coisas (nesse caso, comunicativamente)”.

Não há, portanto, distinção rígida entre léxico e gramática, ou entre construções lexicais e construções sintáticas, o que as distingue é o grau de complexidade interno a cada uma (traço fonológico, por exemplo, entre outros). Pois, como afirma Bybee (2010), “os processos cognitivos para formar construções com valor mais lexical são os mesmos que formam elementos mais gramaticais [...] a função na estrutura linguística é que vai determinar se a nova construção tem um papel mais lexical ou mais gramatical”.

Na visão estruturalista, a categoria de construção é entendida como construções simples e voltada para construções particulares, do tipo orações simples como “Ana comprou um doce para Maria”. Na visão gerativa, especificamente o modelo de gramática transformacional de Chomsky, a construção leva em conta as estruturas profundas e as estruturas superficiais, abordando o componente linguístico a partir do componente sintático, considerado o centro da gramática.

Diferentemente desses dois modelos de gramáticas, a Gramática de Construções (CG) vê a gramática em sua totalidade, em que todas as partes são estudadas simultaneamente. Assim, há um entrelaçamento dos domínios: fonológico, morfológico, sintático, semântico, discursivo e pragmático, e não abordados individualmente. Ou seja, nesse modelo, nenhum nível é autônomo ou central. Compreende que a língua é resultado das relações entre o conhecimento de mundo e as experiências sensório-motoras, conforme segue a figura 01:

FIGURA 01: Entrelaçamento dos domínios (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático, discursivo)



Fonte: Pereira (2017)

Para Traugott e Trousdale (2013), os níveis da sintaxe, morfologia, fonologia, discurso e pragmática são propriedades de uma construção. O esquema abaixo, na figura 2, representa a construção para esses autores, em que no âmbito da forma [F] estão inseridos os aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos, e no plano do sentido [S], estão os aspectos do discurso, da semântica e da pragmática.

FIGURA 02: Representação da construção por Traugott e Trousdale

$$[[F] \leftrightarrow [S]]$$

Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 8)

As construções são alvo de estudo de vários teóricos. Optamos por considerar os postulados de Goldberg (1995), compreendendo as construções sob a ótica de um pareamento entre forma-sentido. Para a autora, algumas construções de estrutura argumental correspondem a tipos oracionais simples referentes a situações ligadas à experiência humana. Estas acabam funcionando como fios condutores para a percepção do mundo e para a elaboração de sentido. Segundo Vidal (2009, p. 53) “a codificação linguística da oração reflete cenas da experiência”, como transferir algo, mover algo, experienciar algo, modificar estado de algo, entre várias outras cenas próprias de ações humanas. Desse modo, evidencia-se que o sentido não se encontra na estrutura linguística interna em si, mas no que as cenas possibilitam constituir. O que nos leva a entender que, em se tratando de construção, a forma está relacionada à dimensão semântica, informacional e pragmática.

Ainda com base no estudo de Goldberg (1995), sobre construções argumentativas, a autora analisa na língua inglesa a relação entre verbos e argumentos, classificando, em seu estudo, cinco tipos de construções: construções ditransitivas (X causa Y receber Z); construções de movimento causado (X causa Y mover-se para Y); construções resultativas (X causa Y e torna-se Z);

construções de movimento intransitivo (X move Y); construções conativas (X direciona a ação para Y). Exemplificadas nas ocorrências abaixo:

(31) He sliced the bread - Transitiva ou conativa

(Ele partiu o pão)

(32) Pat sliced the carrots into the salad – Movimento causado

(Pat fatiou as cenouras na salada)

(33) Pat sliced Chris a piece of pie – Ditransitiva

(Pat fatiou um pedaço de torta para Chris)

(34) Emeril sliced and dicend his way to star-dom – Construção de caminho

(Emeril partiu e cortou seu caminho para o estrelato)

(35) Pat sliced the box open – Resultativa

(Pat partiu a caixa aberta)

O estudo desses tipos de construções comprova o fato de que pode ocorrer, com um mesmo verbo, diferentes e múltiplas construções de estrutura argumental, como demonstrado nos exemplos 31 a 35. Nesse sentido, o verbo *to slice* permite a relação entre forma e aspectos da interpretação como: alguém agindo em algo (31); alguém causando algo a se mover (32); alguém causando um outro a receber algo (33); alguém se movendo em frente aos obstáculos (34); alguém causando mudança de estado em algo (35). Além disso, na verdade, uma determinada construção autoriza os verbos que podem ocorrer nela, o que implica dizer que há uma interação entre construções e verbos, e que, portanto, é necessário considerar os usos dos verbos em construções particulares, bem como observar a semântica e a informação sintática definida pelo verbo. Essa análise foi importante para mostrar a continuidade entre léxico e sintaxe, e mostrar que, apesar de se distinguirem na organização interna, elas

pertencem ao mesmo modo: pareamento entre forma e função.

Outro fator importante considerado por Goldberg (1995) diz respeito ao significado. Segundo a autora, ele não está limitado apenas à construção, mas que tanto verbos quanto nomes também apresentam estruturas semânticas de significação e que esses significados servem de apoio, além de serem englobados ao conhecimento social, cultural e de mundo do usuário da língua para compreender as informações linguísticas, vez que o falante, ao selecionar um item lexical em detrimento de outro, vale-se do sentido que as relações sensório-motoras das experiências com o mundo físico e social lhes fornece.

As construções de estrutura argumental apresentam papéis argumentais correspondentes, por exemplo, aos papéis semânticos de agente, paciente, locativo, recipiente, tema, dentre outros. Para Goldberg (2006, p. 6) cada sentido de um verbo é vinculado com um *frame* semântico que define certos papéis dos participantes. Para exemplificar, a autora apresenta os verbos *to give* (dar) e *to put* (colocar) nas ocorrências abaixo.

(29) Chris gave Pat a ball

(Chris deu a Pat uma bola)

(30) Pat put the ball on the table

(Pat colocou a bola sobre a mesa)

Conforme explica Goldberg, *give*, por ser um verbo triargumental, pede três complementos que correspondem a: agente (Chris), paciente (a ball) e recipiente (Pat). Já *put* evoca a participação de três argumentos: agente (Pat), paciente (the ball) e locativo (on the table).

Partindo desse pressuposto, percebemos que há uma trajetória que vai da construção para o item lexical e do item lexical para a construção. Ao considerarmos esse aspecto, devemos atentar para a aceitabilidade ou não desse item, levando em conta

tanto a semântica do item quanto a semântica da construção, para que não haja bloqueio de um item que deseja incluir em alguma construção. Como, por exemplo, nas construções abaixo:

- a) Maria falava pausadamente
- b) Maria gritava pausadamente

O verbo falava e gritava pertencem ao mesmo campo semântico de exprimir sons, mas o complemento representado pelo advérbio “pausadamente” do primeiro verbo (falava) não se aplica com a mesma aceitabilidade no segundo verbo (gritava), causando, assim, certo estranhamento, tendo em vista as nossas experiências com o mundo social.

O que pretendemos dizer é que a gramática e o léxico devem constituir uma relação de parceria, de continuidade e não de exclusão ou divisão.

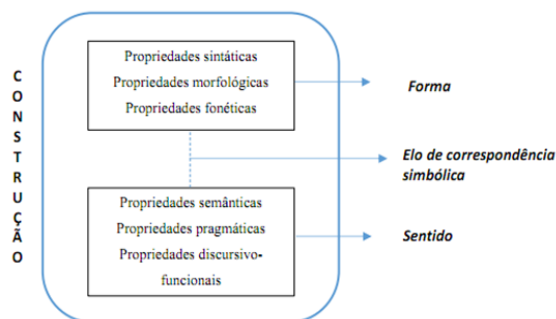
Segundo Goldberg (1995), dois princípios são importantes para estabelecer correspondência entre os papéis dos participantes de um verbo e os papéis argumentais de uma construção, de modo que eles sejam semanticamente compatíveis. Trata-se do Princípio da Correspondência e o Princípio da Coerência Semântica. O primeiro enfatiza que apenas os papéis semânticos compatíveis podem se fundir; já o segundo expõe a ideia de que cada papel do participante do verbo deve ser fundido e expresso por um papel argumental da construção.

Para a autora, essa relação entre verbos e construções mostra a importância da semântica lexical e da pragmática discursiva e o quanto estão alinhadas, pois os participantes que são relevantes no tocante ao significado do verbo são também importantes para o discurso.

Para Croft (2001), a forma e o sentido da construção são vinculados através de um elo de correspondência simbólica. Os sentidos podem ser entendidos como a função convencionalizada na construção, o que inclui propriedades próprias, além de ser representada pela situação interativa

e também aquelas propriedades presentes no discurso em que se baseiam a interação.

FIGURA 03: Representação da construção proposta por Croft



Fonte: Croft (2001, p. 18)

Com base no que foi exposto, percebemos que a gramática de uma língua é composta por construções e que as sentenças produzidas por falantes estão repletas de motivações provenientes das relações entre forma (estrutura sintática) e função (sentido/significado). Assim, pretendemos verificar as ocorrências da construção “passar” de acordo com a (CG), na fala e na escrita dos natalenses.

METODOLOGIA

Para a constituição das amostras analisadas neste trabalho, foram coletados dados oriundos do *corpus* Discurso & Gramática – a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), que contém amostras de língua falada e escrita em contextos reais de interação e é composto por 20 informantes, do sexo masculino e feminino e de diferentes séries de escolarização. Cada um deles produziu cinco diferentes textos falados e, a partir destes, cinco textos escritos, o que nos permite uma comparação mais confiável para a análise, a saber: i) narrativa recontada; ii) narrativa de experiência pessoal; iii) relato de procedimento; iv) descrição de local; e v) relato de opinião.

Este trabalho apresenta-se como um recorte da minha pesquisa de mestrado, em que foram registrados os resultados gramaticais e sintáticos do verbo *passar*. Partindo disso é que analisamos as construções de estrutura argumental.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

As construções se caracterizam por serem esquemas abstratos e convencionais, ao se instanciarem no uso linguístico através de ocorrências específicas. Goldberg (1995) enfatiza, em seu estudo, as construções de estrutura argumental. Para ele, algumas construções de estrutura argumental têm correspondência com os tipos oracionais mais básicos. Ou seja, refletem e codificam situações da experiência humana, como movimento, causação, transferência, estado ou mudança de algo e posse.

O autor pontua também que além da estrutura sintática, no formato das construções, deve-se também especificar os papéis argumentais (agente, paciente e recipiente), bem como a interação semântica que envolve esses papéis, em um pareamento entre forma e sentido.

Com base nos dados obtidos referentes aos valores gramaticais do verbo *passar* no *corpus* analisado, observamos que a estrutura argumental semântica tachada preferida pelos natalenses é a que compete ao verbo *passar* como verbo de processo. Assim sendo, estamos nos referindo aos verbos que podem expressar um evento ou uma sucessão de eventos que afeta um sujeito paciente, conforme podemos observar nas amostras abaixo:

(16) “Minha viagem ao RS aconteceu em 1985. Eu acabara de passar num concurso público e a cidade na qual deveria trabalhar situava-se na fronteira deste Estado. Porto Xavier: uma pacata e diminuta cidade à beira do rio Uruguai. A Argentina ficava logo do outro lado.” (p.73. Narrativa de experiência pessoal. Parte escrita. Ensino superior)

(17) “uma outra experiência fantástica que eu passei ... foi o seguinte ... a escola pública em mil novecentos e oitenta ... não ... setenta e nove ... tava numa sacanagem tão grande ... a escola

pública... que resolveram adotar outro sistema ... colocaram diretores nas escolas ... diretores mais ... é ... rigorosos ...” (p. 16. Narrativa de experiência pessoal. Parte oral. Ensino superior)

(18) “... se num vier muita chuva que destrua ... ou se vi/ ou se num vier nada ... quer dizer ... ele tá sempre aflito e sempre passando fome e sempre vivendo em condição precária ... num tendo hospital ... num tendo segurança ... num tendo educação ...” (p. 35. Relato de opinião. Parte oral. Ensino superior)

Fonte: D&G Natal (grifos nossos).

Os verbos de processo, como pontua Borba (1996), classificam o sujeito como paciente, experienciador ou beneficiário. Desse modo, nas amostras acima, podemos ver que em (16), o sujeito é paciente, pois não tem o controle do evento que o verbo expressa, ou seja, o sujeito é paciente de uma oração que se passa independente do controle dele. Já em (17) e (18) o processo afeta o argumento sujeito que é o próprio experienciador. Portanto, são casos de construções “mediais”, pois descrevem um evento de causação, em que um participante (sujeito) é afetado por uma ação que não resulta dele.

Percebemos que uma construção pode comportar verbos de domínios semânticos relativamente diversos. Desta feita, a construção deve ser determinada, a princípio, com base nos papéis argumentais que a esse verbo são associados, para depois relacionar qual a classe de verbos que cabem utilizar ou qual a classe de verbos que podem instanciá-la.

É importante salientar que há uma forte relação entre o sentido da construção e o significado do verbo. Por exemplo, uma oração de caráter triargumental (ou seja, aquelas que exigem papéis argumentais de sujeito, paciente, recipiente) volta-se para construções “ditransitivas”, caracterizadas por serem um evento de transferência, em que um participante animando (sujeito) transfere um objeto (objeto direto) para um participante humano recipiente (objeto indireto), ou exigir papéis argumentais de sujeito, paciente e locativo, como podemos observar nas amostras abaixo:

(19) “... fica dentro do carro ... faz isso ... faz aquilo ... esquece ... de colocar preservativo ... e:: assim ... aí acontece as coisa ... acontece muito casos assim ... aí ... o vírus ... passa pra:: pra acompanhante né ... aí fica aquele negócio ... por isso que o namoro ... eu sei que ... o namoro hoje num:: num tá muito valorizado não ...” (p. 168. *Relato de opinião. Parte oral. Oitava série do ensino fundamental*)

(20) “... fiquei com ele e ele aceitou ... aí quando foi noutro ... noutro dia ... que eu me encontrei com o Alexandre ... aí ele ... “é ... você foi pro interior nem me disse ... num sei o quê ... eu acho que você passou chifre em mim” ... desse jeito sabe? aí eu... “passei” ... bem cínica assim ... olho ... sabe? aí ele fez... “eu num acredito” ...” (p. 106. *Narrativa de experiência pessoal. Parte oral. Ensino médio*)

(21) “... quando ele tá assim... quase cozido ... eu pego ele ... passo manteiga numa forma de bolo ... essas formas redondas de bolo e coloco esse arroz e aperto ... soco ... ele fica bem socadinho que é pra quando eu virar ... ele fique em formato de bolo ... então o arroz tá quase pronto ...” (p. 20 *relato de procedimento. Parte oral. Ensino superior*)

Fonte: D&G Natal (grifos nossos)

Nos três casos, o verbo *passar* é triargumental, exigindo nos dois primeiros casos, (19) e (20), um sujeito agente (\emptyset = casal/você), transferindo um objeto (vírus/chifre) para um participante recipiente (para a acompanhante/em mim). Já no terceiro caso (21), temos um sujeito agente (\emptyset = eu) transferindo um objeto (manteiga) e um locativo (forma de bolo). Assim, partindo dos papéis argumentais envolvidos nas orações é que podemos definir qual a classe dos verbos que mais se encaixa para funcionar na oração. Neste caso é a dos “bitransitivos”.

O significado dos padrões construcionais observados nos exemplos das orações compostas por construção medial e construção ditransitiva funcionam de modo mais esquemático do que se fôssemos observar apenas o sentido do verbo, pois, embora os eventos evocados pelo verbo sejam importantes para a compreensão e interpretação da oração, deve-se perceber a relação e o modo como os tipos de eventos verbais se integram aos tipos de eventos das construções.

O que pretendemos mostrar é que, em se tratando de construções, não há distinção rígida entre o léxico e a gramática, mas sim uma relação de continuidade, de parceria. Vez que o falante, no momento concreto de comunicação, seleciona no conjunto de possibilidades oferecidas pelo léxico, itens lexicais e construções. De modo que cada uma dessas seleções contribui para a questão do significado.

Assim, as construções de uma língua são adquiridas através do processo de categorização. Dito de outro modo, as construções são aprendidas com base nas inúmeras instâncias de padrões que são frequentes no uso da língua e que são armazenados como parte integrante do repertório desses falantes.

Os dados permitem inferir uma ampliação dos usos dos sentidos do verbo *passar* desempenhando funções sintáticas e discursivas diferentes daquela que rege a Gramática Tradicional (GT). Isso significa que as construções com o verbo *passar* podem indicar um movimento de agregação de novos sentidos, e isso pode ser considerado como um fator importante para a descrição do português brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As gramáticas de construções partem do pressuposto de que o todo determina as partes, no sentido de evidenciar que a significação de uma palavra ou de uma sentença é capaz de determinar quais partes devem ser utilizadas, no caso, palavras ou morfemas empregados no ato comunicativo.

Com base no que foi exposto nessa breve análise, o verbo *passar* revela-se enquanto construções de estrutura argumental de várias

ordens, o que mostra a produtividade de se perceber os fenômenos linguísticos sob outras óticas além do que prescreve a tradição gramatical. Segundo a gramática de construções, assim como para as demais teorias sintáticas é preciso levar em consideração não apenas as estruturas, mas os significados e principalmente os usos linguísticos.

Não é a gramática que serve às necessidades da língua, mas o inverso, a língua é que dá os contornos para a gramática, as estruturas de uma construção gramatical são dirigidas por esquemas e experiências cognitivas dos falantes, como uma espécie de rede conceptual que visa capturar as diversas situações produzidas pelas mentes e externadas e processadas na linguagem.

As construções com o verbo *passar* enfocam o modo e sentidos de utilização dessa classe gramatical, e instiga, de certo modo, as mudanças no modo de abordar e considerar o verbo em foco como algo produtivo.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. **Categorização e a distribuição de construções em corpora**. In: BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.
- BORBA, F. da S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. **Corpus discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal**. Natal: EDUFRN, 1998.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. d.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. **Pressupostos teóricos fundamentais**. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; RIOS DE OLIVEIRA, M.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 21-45.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas*. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro/ Cataguases-MG: FAPERJ/Mauad, 2013.
- GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- PEREIRA, F. D. F. **As construções com o verbo passar na fala e na escrita da cidade do natal**. 124 p. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/CAMEAM, Pau dos Ferros-RN, 2017.
- TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. **The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited**. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. I: Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: Benjamins, 1991.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- VIDAL, R. M. B. **As construções com advérbias em – mente: análise funcionalista e implicações para o ensino de língua materna**. 2009. 187f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Natal: UFRN, 2009.

Submissão: outubro de 2019.

Aceite: abril de 2020.